

Révia Herculano e o Brasil das araras

Révia Herculano and the Brazil of the macaws

José Batista de Lima



Um bom livro se constrói a partir da capa. A capa é o portal de entrada para o misterioso mundo da literatura. Foi com essa preocupação que Révia Herculano convocou o capista Antônio Souza Mariano para cancelar o ingresso do leitor no seu **O Silêncio das Araras: Romanceiro do Brasil**, editado em 99 páginas pela Editora UFC, neste 2004.

Com observações elogiosas de Artur Eduardo Benevides e Pedro Henrique Saraiva Leão, é, no entanto, no prefácio de Sânzio de Azevedo onde se delineia o perfil da escritura dessa nobre escritora. Professor Sânzio traça um roteiro dos principais romanceiros da Literatura em Língua Portuguesa, começando desde o Romanceiro Geral, de 1600, passando pelos de: Almeida Garrett, Teófilo Braga, Cecília Meireles, Jamil Almansur Haddad, Stella Leonardos, Jesus Barros Boquadi e Gastão Neves, até chegar a este romanceiro da lavra de Révia Lima Herculano, aqui do Ceará. É evidente que antes dela há o **Romanceiro de Bárbara**, de Caetano Ximenes de Aragão, que traça a saga da heroína cearense Bárbara de Alencar, presa no Cariri e transportada para Fortaleza lá pelos tempos da Confederação do Equador.

O livro de Révia faz também o percurso histórico do Brasil desde seu descobrimento aos nossos dias. Lembra-nos, seu Romanceiro, a obra **As aventuras de Tibicuera**, do genial Érico Veríssimo, que mesmo escrito em prosa, tem todo o pano de fundo propício para a germinação de um canto geral da pátria, feito para o público juvenil.

Révia Herculano, no entanto, impressiona por utilizar todo o aparato do romanceiro e através de uma

linguagem simples, armar uma ponte poética entre o Brasil de ontem e o Brasil de hoje. Essa visão diacrônica de nossa história, enfatizando o Brasil de hoje, dá-lhe um ar pós-moderno tendo em vista que tradição e modernidade se imbricam na sua criação, numa convivência harmoniosa e frutífera. Daí que seu romanceiro, com feições de prosopopéia, personifica o Brasil com o nome de Luzia, sendo esta assediada pelo colonizador Dom Fernão. Desse contato brotou esta nação, as raças se misturaram e a brasilidade amadureceu. O Padre José, simbolizando os jesuítas, é o mediador na tensão que se estabelece entre o colonizador invasor e a mãe pátria devassada.

Todo esse arcabouço temático, sobre o qual se debruçou a autora, vem agasalhado numa estrutura formal que não fica a dever aos grandes e clássicos romanceiros. É tanto que apoiada no redondilho maior, a autora imprime uma musicalidade tão acentuada ao verso, que fácil se torna imprimir-lhe uma melodia para transformar-lhe em canção.

Outro detalhe que chama a atenção na obra é o agradecimento. Esse momento geralmente pouco interesse desperta no leitor. No caso desse romanceiro, antes de ingressarmos na sua tessitura poética, já nos deparamos com o belo poema em que se configura esse agradecimento:

“A Rúver, água da chuva que me fez ouvir a fonte.

A Rúver Jr, Danielle, Revinha e Marianna –
Lagos e rios – onde relva, murmuro um despertar ao mar infinito”.

Essa preocupação em metaforizar cada recanto do livro, passa até pelo sumário. Basta ver o primeiro canto com o título “No reino do pau-brasil”, que traz um poema nos sub-títulos: “um chão que nina estrelas/ sob um céu nu/ o mapa mundi alterado/ terra de matas e redes/ púlpito de areia/ veredas do alheamento”.

O livro de Révia Herculano adequa-se ao estudo dos alunos do ensino fundamental e médio. É o verdadeiro livro paradidático, tendo em vista que através do verso poético literário desfila a história do nosso Brasil. Assim, é também um veículo da interdisciplinaridade onde vários saberes se perfilam artisticamente como que convidando o estudante a lhe navegar pelas páginas. Após o término da leitura fica o leitor desejoso de ver esse bem articulado manual de

história e poética sendo estudado pelas escolas do nosso país. Todo leitor vai gostar de ver nossa história tratada poeticamente. Révia Herculano nessa história é anfitriã e convida-nos para esse banquete de signos poéticos onde tudo é deglutido prazerosamente, dos mais antigos ancestrais, passando pelo Bispo Sardinha, até às araras, aos tucanos, às arapongas e macunaímas deste Brasil de cabloco, de mãe preta e pai João.

Referência

HERCULANO, Révia. *O silêncio das araras: romanceiro do Brasil*. Fortaleza: Ed. UFC, 2004. 99 p.

Data do Aceite: 2004